

PETER PAN: O MITO DA ETERNA INFÂNCIA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Sonaira Teixeira¹
Rosana Rodrigues da Silva²

Criança é tudo aquilo que é abandonado e enjeitado, e ao mesmo tempo possui poder divino; o começo insignificante e duvidoso e o fim triunfal. A “criança eterna” presente no homem é uma experiência indescritível, é uma incongruência, uma excepcionalidade, e uma prerrogativa divina; é um fator imponderável que determina a importância decisiva ou a desimportância de uma personalidade. (JUNG apud MONTEIRO, 2008, p. 60).

RESUMO

Este trabalho consiste na análise do personagem clássico Peter Pan, pelo viés mitológico dos arquétipos *puer* e *senex*, do mito da eterna infância, a fim de apontar a aproximação entre os personagens que os representam nas obras. Para tanto, realizamos uma análise literária comparativa dos livros *Peter Pan* de James M. Barrie, *Peter Pan* de Monteiro Lobato e *Isso é coisa de Pirata!* de Wander Antunes. Os clássicos, o europeu de Barrie e o nacional de Lobato, são contextualizados e tomados como parâmetros para a análise da obra contemporânea mato-grossense de Antunes.

Palavras-chave: peter pan, mito da eterna infância, contos de fadas.

1. O percurso da obra de Peter Pan e suas adaptações

Com o passar dos séculos, os contos infantis de renomados escritores estrangeiros foram traduzidos e adaptados para diversas línguas, no intuito de acompanhar especificidades culturais dos locais onde estavam sendo recontados. Assim, milhares de apreciadores de narrativas fantásticas se beneficiam com a leitura dos contos de fadas.

Com a história de Peter Pan não foi diferente. Com o intuito de recontá-la, diversos livros foram traduzidos para a língua portuguesa. O presente trabalho aborda,

¹ Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso, campus de Sinop.

E-mail: sonaira_t@hotmail.com

² Doutora em Literatura Brasileira; professora da FAEL, curso de Letras, UNEMAT Campus de Sinop.

E-mail: rosana.rodrigues@unemat-net.br

portanto, duas adaptações que, seguindo contextos distintos, pelo fato de corresponderem a obras re-escritas, acompanham novos períodos e espaços. Assumindo diversos aspectos, elas transmitem a narrativa fantasiosa de James M. Barrie, o pai de Peter Pan, sem que se perca a essência contida nas instigantes aventuras de um menino que não cresceu.

O escritor escocês, James Matthew Barrie fez a primeira aparição do personagem Peter Pan, no ano de 1904, em uma de suas peças teatrais para adultos (*The Boy Who Would Not Grow Up*). Logo em seguida, também publicou um volume intitulado *Peter Pan em Kensington Gardens*, que viria a se transformar no romance chamado *Peter e Wendy*, de 1911, ano em que se consagraria na Literatura Infantil e Juvenil, trazendo à tona o mito da eterna infância através de um menino que não queria crescer (BARRIE, 2011).

No Brasil um dos escritores que se dedicou também às adaptações de obras estrangeiras foi Monteiro Lobato, autor de grande importância na literatura infantil brasileira do século XX e que tem influenciado novos escritores até os dias atuais. Como grande revolucionário, o autor rompeu com o estereótipo literário da época, ao inovar o espaço da narrativa infantil, garantindo o nacionalismo nas obras.

Monteiro Lobato foi o primeiro escritor a fazer a adaptação brasileira da obra de James M. Barrie (*Peter Pan*), o que ocorreu em 1930, quando ainda estava em Nova Iorque. Nela, o escritor aproveita o espaço nacional, do Sítio do Pica-Pau Amarelo, para relatar a história de um personagem estrangeiro que se recusava permanentemente a crescer. Dessa maneira, a personagem Dona Benta narra para seus netos e para a turma do sítio as aventuras desse menino em uma perspectiva infantil, com uma linguagem acessível, acompanhada de ilustrações que ajudam na compreensão do texto.

Seguindo o percurso de criação e produção da literatura infantil e juvenil na contemporaneidade, encontramos o escritor Wander Antunes. Roteirista e desenhista, nascido em Goiás, veio para o Mato Grosso aos dezesseis anos, onde se apaixonou pelos encantos que essa região oferece. O amor pela terra mato-grossense é retratado em seus livros, em que se reconhece a valorização da cultura regional.

Após diversos trabalhos, dedicou-se à escrita do primeiro livro, *Isso é coisa de Pirata!*, publicado em 1996, em que faz uma adaptação da história de Peter Pan, tendo

como influência a narrativa original de James M. Barrie e também a primeira adaptação dessa obra de Monteiro Lobato.

Porém, sua obra difere em alguns pontos da narrativa clássica, pois conta a história de Peter Pan, localizado no contexto mato-grossense. Logo, sem esquecer as influências canônicas, o escritor trabalha o espaço e as belezas naturais de um estado rico em miscigenação e suas especificidades, tal como suas variantes dialetais.

Diferente de Barrie e Lobato, que comportam aspectos de uma literatura universal e nacionalista, respectivamente, Antunes destaca-se na literatura local produzida em Mato Grosso, seja pelo diálogo com o nacional, pela construção da linguagem ou das ações das personagens que particularizam sua narrativa.

2. O resgate do mito, em Barrie, e dos contos de fadas, em Lobato e Antunes

Nas três obras analisadas, o protagonista será sempre composto pela releitura do personagem clássico Peter Pan. Isso possibilita demonstrar o que os aproxima e os diferencia, e também mostrar algumas atitudes específicas de cada um em determinadas situações na Terra do Nunca. Para que se possa relacionar este conto ao mito, parte-se do que diferencia os contos de fadas desse gênero narrativo. A mitologia explica a origem do mundo, sem ter nenhum compromisso com a atenuação de gestos e atitudes rudes ou violentas. Nos mitos temos o relato de acontecimentos e o modo como ocorreram, partindo de seres sobrenaturais e de suas atividades criadoras.

Deste modo, podem ser encontradas no Peter de Barrie influências refletidas em ações e características similares a deuses da mitologia grega. Uma análise que confere bastante sentido para a questão mítica presente na obra original é a do estudo dos nomes. Quanto a “Pan”, foi escolhido devido ao Deus Pã, que representa a natureza, o paganismo e o mundo amoral. Por isso, a escolha do nome deve-se em parte à construção das características de Peter. Esse tipo de comparação pode ser feita quando analisamos o próprio espaço da narrativa. A ilha na *Terra do Nunca* era composta por uma floresta repleta de árvores que serviam como porta de entrada para a casa subterrânea, onde Peter e os meninos perdidos se refugiavam dos perigos que lá existiam. Como se pode verificar: “Uma das primeiras coisas que Peter fez, no dia

seguinte, foi medir Wendy e John e Michel, para fazer portas em árvores ocas.” (BARRIE, 2011, p. 78). Assim, da mesma forma que a floresta era seu lar, também era seu território: muito mais do que isso, aquele lugar se mantinha vivo e revigorante com sua presença.

Igualmente, teremos na mitologia o referencial da entidade de Pã, que é representado como um deus dos bosques e dos campos, rebanhos e pastores, vivendo em grutas e perambulando pelas montanhas e vales, dedicando-se à atividade da caça ou acompanhando as ninfas em suas danças. Esse deus era temido pelos que precisavam atravessar a floresta à noite, pois havia superstições em relação às trevas e a solidão que reinava nesses lugares em que habitava, predispondo os espíritos aos mais variados medos (BULFINCH, 2006, p. 167).

Logo, a ideia de uma criatura como Onipotente em determinado lugar aproxima a história de Barrie da referência mitológica, ao relacioná-la à importância de cada um dos dois para a vitalidade da floresta, assim como a necessidade de suas permanências na determinação do funcionamento harmônico daquele espaço.

Outra das características de Peter é sua irreverência, tal como uma criança atrevida e destemida e que tanto encantava alguns integrantes da ilha, como aterrorizava ou incomodava a outros.

Seguindo a perspectiva de um ser travesso, encontramos também na mitologia grega a figura do Cupido (Eros), deus do amor e filho de Vênus, que como um bom companheiro sempre atende aos pedidos da mãe. O deus anda com seu arco lançando setas nos corações de deuses e humanos (BULFINCH, 2006, p. 18).

Com a alma legítima de uma criança, Cupido e Peter se assemelham através de características que preservam uma essência que não é afetada pelo pessimismo, se essa for olhada pelo viés da infância onde não há maldade propriamente dita.

Outra característica do personagem, além de ser atrevido e ter uma conexão com a floresta, é ser também dançarino. Sempre que comemoravam algo, ou simplesmente para se alegrar, os integrantes da casa subterrânea juntavam-se para diversão:

- Pai, nós queremos dançar.
- Dance à vontade, meu jovem – disse Peter, que estava num ótimo humor.
- Mas queremos que você dance junto.

Peter era de fato o melhor dançarino entre eles, mas fingiu ter ficado muito surpreso. (BARRIE, 2011, p. 107).

Esse ato de compartilhar uma ação com o intuito de comemorar a felicidade ocorria desde os tempos primordiais. Tempos esses lembrados pela mitologia grega, com um de seus deuses chamado Dionísio (Baco), que era filho de Júpiter e Sêmele. O deus comandava grandes festas, conhecidas por levar o seu nome (bacanal) e pelo fato de serem regadas de muito vinho e dança. Dionísio cresceu sem sua mãe, rodeado de ninfas, assemelhando-se assim ao personagem Peter, o qual também era desprovido da figura materna e teria crescido ao lado das fadas. Bulfinch ainda revela que o deus do vinho “não representava apenas o poder embriagador do vinho, mas também suas influências benéficas e sociais, de maneira que era tido como o promotor da civilização, legislador e amante da paz” (2006, p. 19).

Não podemos nos esquecer ainda de considerar que o mito carrega traços dos lugares onde foi gerado, conservando-os na sua essência. Porém, a partir do momento em que a civilização de origem decair, o mito vai junto, não podendo ser condicionado em outro lugar, remetendo assim a ideia de compromisso histórico.

Com esse compromisso, que corresponde também ao ato de explicar a criação de determinado fato ou ser, temos o *Puer Aeternus*, um deus da antiguidade que representa o mito da eterna infância. Segundo Franz (1992, p. 9) esta divindade é citada na obra *Metamorfoses de Ovídio* e identificada como Iaco, um dos nomes de Dionísio, sendo também relacionada com Eros, como representação do *deus criança*.

Sendo assim, a narrativa de Barrie encaixa perfeitamente no mito da eterna infância: “_ Sou a juventude, sou a alegria – Peter respondeu sem pensar – sou um pequeno pássaro que acaba de sair do ovo.” (BARRIE, 2011, p. 150). O personagem possui toda a síntese de um ser deslumbrante, que vai contra a normalidade do real, sem perder o charme e pureza que só se encontram em crianças. Desse modo, a história e o mito não devem ficar distantes, para que um sirva de ponte para explicar o outro, quando seu material cultural não for compreendido.

Quanto ao Peter, em solos brasileiros, podemos constatar nas obras de Lobato e Antunes que é necessário levantar antes as características, comportamentos e elementos que compõem o personagem nos determinados lugares em que a narrativa está sendo contada. Ao se tratar de histórias direcionadas para o público infantil, sua linguagem

acompanhará um ritmo leve e de fácil compreensão, como aquele que encontramos nos contos de fadas.

No aspecto espacial, na obra de Lobato, o cenário principal é o do Sítio do Picapau Amarelo, configurado no intuito de representar um plano de fundo onde será introduzida a adaptação da obra de Barrie, contada aos integrantes do sítio pelo ponto de vista da personagem Dona Benta. De modo que, para trabalhar os elementos brasileiros, Lobato, ao proporcionar que Dona Benta interaja com seus netos e agregados em forma de diálogos, faz uma contextualização no texto, a qual resulta em comentários que levam a explicações que englobam o contexto nacional.

Podemos perceber que a mesma técnica é administrada por Antunes, quando esse resgata um conto de fadas e o traz para a capital de Mato Grosso. Assim, o autor relaciona também os personagens estrangeiros a criações regionais, tendo como seu personagem principal não mais Peter Pan, mas sim Gonçalinho. Isso ocorre sem que se perca o foco na transmissão do espaço, já que esse se demonstra como o elemento mais visado em sua obra.

Retomando Lobato, vemos que o narrador cita uma distinção cultural que acontece em Londres com o propósito de informar ao leitor que esta não corresponde à realidade do Brasil, citada no trecho abaixo:

Esses meninos ocupavam a mesma nursery numa linda casa de Londres. – Nursery? – repetiu Pedrinho. – Que vem a ser isso? – Nursery (pronuncia-se nârseri) quer dizer em inglês “quarto de crianças”. Aqui no Brasil, quarto de criança é um quarto como outro qualquer, e por isso não tem o nome especial. (LOBATO, 2009, p. 14)

Logo o que é “de fora” acaba sendo mencionado, porém existe, ao mesmo tempo, um interesse por parte da narradora para que quem estiver lendo saiba o que acontece tanto em Londres quanto no Brasil.

Já na obra de Antunes, os personagens Sininho, Capitão Gancho e seus marujos foram introduzidos em terras mato-grossenses, de modo que as aventuras estão ambientadas em um espaço típico brasileiro, como podemos verificar no trecho abaixo:

– Que cheiro estranho _ disse Sininho. – É o cheiro da água, da umidade. Super gostoso! – explicou Gonçalinho todo metido a sabido. – Não é esse cheiro. Esse eu conheço. Mas, tem um outro – fungou Sininho. – Parece peixe... – E é! É o cheiro dos peixes subindo o rio.

Nós chamamos de piracema. Não tem isso na Terra do Nunca?
(ANTUNES, 1996, p. 12)

Neste trecho Gonçalves pergunta a Sininho se na ilha encantada de onde ela veio não existe a piracema, fenômeno da natureza de caráter regional, conhecido pelas pessoas que vivem na região. Dessa forma a criança, ao ler, pode se sentir mais familiarizada com a narrativa, pois é algo que ela provavelmente já escutou falar.

Essas especificidades e curiosidades culturais permitem que o texto seja rico em informações úteis ao desenvolvimento infantil. Assim, as duas obras trabalham com o compromisso de revelar aos brasileiros as maravilhas que seu país tem a oferecer.

Logo, não há fronteiras territoriais, que dificultem a compreensão de uma narrativa fantástica, pois esses contos foram construídos a partir da estrutura humana universal chamada de arquétipos. No entanto, deparando o leitor com um elemento próprio da realidade cultural, os autores fazem com que ele se aproxime mais da história.

Outra particularidade que se repete nas obras é a maneira como alguns integrantes da Terra do Nunca são introduzidos no espaço brasileiro. Dessa forma é possível constatar a presença deles, ao interagirem com os nossos personagens, em terras nacionais, sejam eles paulistas ou mato-grossenses.

Por exemplo, em Lobato, o personagem Pedrinho compara o pó de pirlimpimpim, que já era conhecido da turma do Sítio, com o pó mágico de Peter Pan, de modo que desconfia de não ter sido o próprio quem o dera em outra situação, disfarçado de Peninha, que também é personagem do sítio:

– Estou desconfiado – disse Pedrinho – que o tal pó mágico de Peter Pan era o nosso pó de pirlimpimpim. – E quem nos garante que o tal Peninha, que deu a você o pó de pirlimpimpim, não seja esse mesmo Peter Pan? Aquela história de o Peninha ser invisível está me parecendo arteirice de Peter Pan para nos empulhar. – Pode ser. Tudo pode ser – concordou Pedrinho, pensativo. (LOBATO, 2009, p. 27)

Nesta citação pode-se verificar a possível aparição de Peter no Sítio do Picapau Amarelo. Mesmo sem o texto afirmar se pode ou não ter sido ele, o fato é que devido à atitude travessa e levada que o personagem criado por Barrie apresenta em suas aventuras, ele é lembrado quando se sucede uma ação em que são registradas

características semelhantes às suas. Isso porque o que estava envolvido em questão era um determinado pó que possuía mágica, tal como aquele da Terra do Nunca.

Enquanto isso, em Antunes, pode-se verificar que outro personagem de Barrie também se desloca da ilha encantada para invadir Cuiabá. Porém, agora mal intencionado, pois sua vinda se deu devido à procura de ouro, mesmo que isso signifique causar danos às terras cuiabanais:

– Capitão Gancho? Peraí, Sininho, que história é essa? Então o horrípilante Capitão Gancho não foi comido pelo crocodilo? Eu me lembro... Eu li no livro que o Peter Pan lutou com ele no navio pirata e o derrubou na água. Aliás, dentro da goela do crocodilo. – Sei! Sei! Pois não é que o danado escapou? E é bom você ficar esperto, porque ele vem vindo pra cá. E vem para roubar o ouro da igreja. (ANTUNES, 1996, p. 7)

O personagem Capitão Gancho sai da sua ilha encantada para invadir terras brasileiras. Ou seja, as histórias, tanto de Lobato quanto de Antunes, utilizam-se da matéria prima nacional para contar novas versões de uma história de origem estrangeira, trabalhando para que isso possa ser compreendido como uma forma de se obter a valorização do espaço brasileiro. Agora, o que se tem não é mais o espaço estrangeiro, e sim o ambiente nacional no qual personagens de fora, aproveitando-se desse espaço, compartilham conosco suas aventuras.

Na obra de Antunes essa invasão nos lembra de que forma ocorreu a colonização de Cuiabá, quando imigrantes de diversas regiões do país vieram para Mato Grosso, à procura de ouro e de outras riquezas naturais. Leva-se ainda em consideração o fato disso ter sido feito sem que houvesse uma preocupação com a questão ambiental ou com outros pontos que interferissem no desenvolvimento da região. Podemos dizer também que essa atitude é parecida com a do personagem Capitão Gancho, quando este vem para Cuiabá atrás de riquezas naturais, sem se importar em destruir as igrejas para alcançar seu objetivo de encontrar o ouro.

Sendo assim, conclui-se que as diferenças e as semelhanças que os contos de fadas carregam podem ser verificadas através das obras dos autores brasileiros, como podemos conferir abaixo:

Muitos contos de fada iluminam aspectos diferentes ainda que contenham temas semelhantes tais como bruxas, madrastas e reis, e sempre têm um processo semelhante, ou seja, a maneira enérgica de se proceder, sendo isto bastante sugestivo. O fato de que os fios que correm através dos contos seguem todos a mesma direção – de tal modo que muitos contos podem ser ligados numa corrente circular, sendo uma ampliação do outro – sugere que a ordem à qual eles se referem é fundamental. Eu tenho a sensação de que quando os contos de fadas são colocados em grupos e interpretados em relação um a outro, eles representam na sua base um arranjo arquetípico transcendental. (FRANZ, 1990, p. 226)

As obras comparadas são narrativas simples, compostas de personagens que exercem funções e atuam de modo semelhante. A diferença é que as adaptações acabam regionalizando situações, tais como alegrias, dilemas e dificuldades, trazendo em cores nacionais os fatos vivenciados no texto base ou original.

3. Puer e Senex: A relação dos tempos

Seguindo a perspectiva do tempo vivido, não necessariamente o cronológico, mas pelo estado mental, temos características, atitudes e comportamentos que definem uma fase. Com isso temos dois arquétipos que representam o novo e o velho respectivamente: o *puer* e o *senex*.

Segundo Bernardi,

O *puer* e o *senex* possuem como referência as figuras do jovem e do velho. Pensá-los é, portanto, poetizar em cima de suas imagens, suas ações, suas características, seus comportamentos e suas funções (2008, p. 21).

Nas obras analisadas será feito um confronto entre personagens que possuem semelhanças com esses arquétipos, a fim de determinar se existe hostilidade entre eles ou não. De forma que possamos levantar características que definem a personalidade infantil (eterna criança) e a relação com seu oposto (velho), reafirmando assim, este modelo da juventude eterna, como complementação do que foi analisado até o presente momento. No trecho abaixo veremos algumas atributos que o *puer* e o *senex* possuem:

Como todo arquétipo, o *puer* e o *senex* possuem aspectos positivos e negativos em si mesmos. Entre os aspectos positivos do *puer* encontramos: espontaneidade, curiosidade, liberdade, mudança, realidade, onipotência... no *senex* encontramos: compreensão, lentidão, paz, sabedoria tanto quanto rigidez, impotência, negatividade... (MONTEIRO, 2008, p. 57).

Em Barrie, os arquétipos apresentam-se em oposição quando analisarmos o modo como o personagem Peter Pan (*puer*) impede qualquer possibilidade de aproximação com a Sra. Darling (*senex*). Desse modo, essa hostilidade à figura materna, ou ao fato dela ser adulta, faz Peter optar por negar determinados laços afetivos como um ato de demonstração de sua infantilidade. Isso pode ser verificado no trecho abaixo:

Ela se levantou com um grito, e viu o menino, e de certa forma soube, no mesmo instante, que aquele era Peter Pan. Se você ou eu ou Wendy tivéssemos presenciado a cena, teríamos visto que ele era bem parecido com o beijo da Sra. Darling. Era um menino encantador, vestido com folhas secas e com os sucos que escorrem dos troncos das árvores; mas a coisa mais arrebatadora nele era o fato de que ainda tinha todos os dentes de leite. Quando Peter viu que estava diante de uma adulta, fez uma careta, arredio, e exibiu essas pequenas pérolas. (BARRIE, 2011, p. 18)

Na narrativa acima fica explícita a falta de maturidade do personagem, pois sua reação perante uma adulta, ao fazer uma careta, reflete uma das características do arquétipo *puer*: a espontaneidade diante de algo que não lhe agrada.

Já em Lobato não temos essa oposição entre os arquétipos, ou seja, não há hostilidade entre eles. Isso porque o *puer*, representado pelos netos e por Emília, e Dona Benta, que representa o *senex*, não entram em conflito de espécie alguma, de forma que suas relações são harmoniosas.

O convívio entre eles no sítio baseia-se em valores como liberdade e respeito, sendo o primeiro encontrado nas crianças, as quais se mostram extremamente curiosas, devido ao fato de interagirem na narrativa com perguntas e opiniões. Quanto ao segundo, percebemos uma Dona Benta que mantém o controle e a organização do sítio sem se esquecer da importância do entendimento entre todos.

Esta curiosidade é uma das características do *puer*, que impulsiona o desejo de aprender como uma vontade de absorver o conhecimento. Esse poder do *puer* corresponde à oportunidade de estar livre para pensar, falar e agir, sem repressão, o que

vemos na fala das crianças do sítio sempre de forma espontânea, tal como afirma Lobato (2008, p. 61): “espontaneidade para dizer o não sei, para dizer que ama ou não ama, para afirmar seus desejos, sonhos, tristezas... Inocência e espontaneidade para se permitir viver o – é assim que é”.

Na conversa esclarecedora com os integrantes do sítio, Dona Benta se coloca na posição de velha-sábia: aquela que possui o conhecimento e que sabe a quem distribuí-lo quando a questionam:

[...] o *senex* torna-se sinônimo do arquétipo do velho-sábio, o aspecto de *sabedoria dos antigos* do inconsciente coletivo, que dá àquele que recebe esta imagem em projeção, como na transferência na situação clínica, um caráter de saber e, muitas vezes, de quase santidade (BERNARDI, 2008, p. 45).

Dona Benta, a velha sábia do sítio, interage com as crianças, é respeitada por elas, mas não se impõe como voz autoritária durante as aventuras vivenciadas pelos netos. A voz do adulto não se impõe na narrativa para direcionar as ações das crianças. Lobato reserva à avó o valor da experiência de vida, o conhecimento que lhe permite opinar quando é interrogada.

Na obra de Antunes, a figura arquetípica do novo é representada pelo personagem Gonçalinho. Já a representação arquetípica do velho se faz na personagem Capitão Gancho. De forma que, através das reações e atitudes de cada um, podemos avistar a hostilidade e a oposição entre eles. Nesse caso, o *senex* se apresenta na figura do opositor, o terrível Capitão Gancho. O vilão, não só torce para que Sininho esteja morta, como tenta persuadir Gonçalinho para que acredite que, caso esteja viva, já deva estar voltando para a ilha. Logo, sua esperteza, ao usar da malandragem para desanimar Gonçalinho, revela-nos características do *senex* em seus aspectos negativos. Conforme explica Bernardi,

A arrogância do sábio é, portanto, o aspecto negativo do dinamismo do *senex* como sabedoria. Esta arrogância, em casos extremos, pode ser transformada em abuso de poder, fenômeno observado, infelizmente, em inúmeros líderes e pregadores. Aqui a sabedoria do *senex* vira esperteza transformando-o em velhaco, na raposa velha, expressão muito usada nos meios políticos para se referir a antigos e experientes corruptos (2008, p. 46).

O *puer* também representa o novo em sua forma pura e leve, tal como uma criança que não sente o perigo, capaz de enfrentar determinadas situações sem medir as consequências. Gonçálinho é essa criança destemida e corajosa, que se envolve em aventuras com animais ferozes, sem se intimidar com o perigo.

Desse modo, reconhecemos que a representação do *puer aeternus*, a eterna infância, identificada na personagem Peter, também está presente nas crianças do sítio (Emília, Pedrinho e Narizinho) e nas personagens crianças de Cuiabá (Gonçálinho e seus amigos). Lobato e Antunes exploram o mito da eterna infância, como Barrie, ao criarem personagens que carregam a essência pura e inocente de um *puer*, que instintivamente envolve todos ao seu redor com suas peraltices; representando, de certo modo, o desejo de todo adulto de escapar das ocupações e exigências do cotidiano da vida contemporânea.

Conclusão

O diálogo com os contos de fadas na literatura nacional ocorre nas obras analisadas pela adaptação e acréscimo de um pouco do que nos pertence, seja pela cultura, pelos espaços ou pela linguagem. Nesse intuito de contar novamente, acrescentando especificidades locais, o leitor depara-se com a valorização da identidade cultural. Lobato e Antunes proporcionam às crianças a leitura de histórias sob aspectos de sua realidade, o que estimula a curiosidade acerca da cultura local.

O diálogo entre a obra original e as adaptações se faz pela figura do eterno menino, mas não dilui as especificidades de cada narrativa. James M. Barrie ao publicar a primeira versão do clássico Peter Pan revelou ao mundo um menino que foge dos critérios sociais, morais e reais da sociedade em que vivia. Já Monteiro Lobato tornou-se um dos precursores, ao introduzir em suas obras o nacionalismo. Escritor inconformado, foi capaz de pressentir a necessidade de uma literatura infantil que correspondesse aos anseios da criança brasileira daquele momento. Assim, alcança a antropofagia modernista na medida em que consegue aproveitar-se dos elementos estrangeiros e da narrativa clássica e mítica na composição dos personagens contextualizados em solo brasileiro.

Na comparação do personagem Peter Pan com entidades mitológicas, foi possível levantar o perfil de um menino que reina na floresta (Pã), sem perder a particularidade travessa de uma criança que, muitas vezes, é engraçada e destemida (Cupido), até chegar à essência da eterna juventude que o acompanha, seja pela sua alegria ou astúcia, presentes no *Puer Aeternus* (Dionísio).

Os contos de fadas, embora sejam narrativas de fácil compreensão, podem apresentar símbolos e arquétipos do inconsciente coletivo. Arquétipos que representam o velho e o novo, ou seja, puer e senex, revelando-se nas características que definem e polarizam o adulto e a criança nas obras analisadas. Desse modo, a identificação do mito estruturador na narrativa literária auxilia na compreensão do significado maior da obra.

Referências

ANTUNES, Wander. *Isso é coisa de pirata!*. Cuiabá: Tempo Presente, 1996.

BARRIE, James M. *Peter e Wendy seguido de Peter Pan em Kensington Gardens*. Tradução de Rodrigo Breunig. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

BERNARDI, Carlos. *Senex-et-puer*: esboço da psicologia de um arquétipo. In: MONTEIRO, Dulcinéia. M. P. (Org). *Puer-Senex*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2008.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução David Jardim. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

FRANZ, Marie-Louise Von. *A interpretação dos contos de fada*. Tradução Maria Elci Spaccaaquerche Barbosa. São Paulo: Paulus, 1990.

_____. *Puer Aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância*. São Paulo: Paulus, 1992.

LOBATO, Monteiro. *Peter Pan*. Ilustrações Fabiana Salomão. São Paulo: Globo, 2009.

MONTEIRO, Dulcinéia. M. P. *Ao envelhecer... o puer revitalizando o senex*. In: MONTEIRO, Dulcinéia. M. P. (Org). *Puer-Senex*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2008.

Referências Webgráficas

LOBATO, Monteiro. Cidadão escritor do tempo. Disponível em: <<http://www.lobato.globo.com/lobato linha.asp>>. Acesso em: 27 abr. 2013.

PETER PAN: THE MYTH OF ETERNAL CHILDHOOD IN CHILDREN'S LITERATURE

ABSTRACT

This work consists in analyzing the classic character Peter Pan, the mythological bias of puer and senex archetypes, the myth of eternal childhood, in order to point out the closeness between the characters that represent them in the works. Thus, we performed a comparative literary analysis of the book Peter Pan by James M. Barrie, Peter Pan of Lobato and This is thing of Pirate! Wander Antunes. The classics, European of Barrie and the national of Lobato, are contextualized and considered as parameters for the analysis of Mato Grosso contemporary work of Antunes.

Keywords: peter pan, myth of eternal childhood, fairy tales.

Recebido em 06/06/2014.

Aprovado em 17/06/2014.